

D. JOÃO DA CAMARA

MEIA NOITE

PEÇA EM 3 ACTOS

Representada
pela primeira vez no theatro D. Amelia,
em 5 de janeiro de 1900



LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES, LIBANIO & C.ª
108, Rua de S. Roque, 110
LISBOA

D. JOÃO DA CAMARA

MEIA NOITE

PEÇA EM 3 ACTOS

Representada
pela primeira vez no theatro D. Amelia,
em 5 de janeiro de 1900



LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES, LIBANIO & C.^{IA}
108, Rua de S. Roque, 110
LISBOA

ACTORES

ROMANA.....	<i>R. Damasceno</i>
O CONEGO.....	<i>J. Rosa</i>
CHRYSOSTOMO, organista...	<i>E. Bração</i>
SURSUM-CORDA, sineiro....	<i>A. Rosa</i>
LUCRECIA, sua filha.!	<i>A. Pereira</i>
CESARIO... ..	<i>H. Alves</i>

Na Sé de Lisboa
Meado do seculo



ACTO I

Quartos do Conego nos telhados da Sé de Lisboa, em meio de cantarias da parte arruinada, das quaes se vêem pedaços entre os frontaes, muito caiados. Ao F. uma janella quadrada, de vidros pequenos, foi aberta n'um frontal que tapou um arco gothico. Á E. A. a porta de entrada. Do outro lado, em frente, o quarto de Romana. A' E. B. o quarto do Conego. Mobilia pouca, antiga e fradesca. Entre as duas portas da E. o oratorio. Do outro lado uma pequena estante com livros. Mesa e cadeiras no primeiro plano á D. A' janella uns craveiros em caixotes.

SCENA I

Conego e Sursum-Corda

(É noite. O Conego sentado á mesa faz uma paciencia á luz d'um candeeiro de tres bicos. Sursum-Corda abre devagarinho a porta da E. A. e espreita).

SURSUM-CORDA

(Á porta) Dominus vobiscum. Dão licença ao Sursum-Corda?

CONEGO

(Atirando com a carta que tem na mão)
 Rei de espadas!... Tu a abrires a porta e
 o maldito a surdir-me por cima da sena!
 Era inverter duas cartas... *(Examinando o*
resto do baralho) Quina d'oiros... Dama de
 copas... Tambem hontem, quando entras-
 te... Que ha de novo? *(Baralha as cartas).*

SURSUM-CORDA

Tudo vae do baralhar. De novo não ha
 nada. Antes do homem nascer já lhe Deus
 baralhou as cartas que vae tirando. Rei de
 espadas!... Pouca sorte.

CONEGO

D'onde vens ?

SURSUM-CORDA

Lá de baixo.

CONEGO

Sahiste á rua ?

SURSUM-CORDA

Sahi. *(Olhando, medroso, para o Conego)*
 Mas foi um copo assim, tão pequenino, que,
 se lhe mettesse o meiminho dentro, entor-
 nava tudo.

CONEGO

Nem se lembra esta alma verminosa de
 que ha de a Lucrecia casar-se dentro em
 dias! Que lindas lições vai dando ao genro
 e annuncia aos netos! A tua filha... um
 anjo! Mas que te importa, se endureceste
 na semvergonha ?

SURSUM-CORDA

Por minha filha venho eu falar-lhe, sr Conego, e, ás vezes, dá-me vontade de trepar até ao alto, mesmo ao alto das torres, e, escarranchado lá em cima, pôr-me a gritar a Nosso Senhor, para que me oiça de mais perto.

CONEGO

Anda radiosa de amor, coitadinha! Ha luz e ha calor em seu olhar limpo de vislumbres peccaminosos. Quando me beija a mão — já reparei — fico cheirando a açucenas. Assim via a minha Romana quando tinha essa idade, justamente a de Lucrecia agora. Sabes? O que foi noivo d'ella?... Morreu.

SURSUM-CORDA

Requiescat in pace. E a sr.^a Romana?

CONEGO

Está no quarto, decerto a rezar-lhe por alma. Não lhe fez abalo a noticia.

SURSUM-CORDA

Se ha tantos annos... E vai d'ahi, queria compôr um repique novo para offerecer aos noivos nos meus sinos.

CONEGO

Amor! Amor!... Não é planta que enraize nos corações.

SURSUM-CORDA

Sr. Conego!

CONEGO

Tanto á larga o teu puzeste que te chamaram Sursum-Corda!

SURSUM-CORDA

(Muito triste) A aguardente!

CONEGO

Quem ha de crer no teu desgosto a ouvir-te cantar dia e noite?

SURSUM-CORDA

E tanto cresceu, desde que é noiva a minha filha e só falamos d'amor lá no casebre!... Eu é que nunca mais quiz saber de mulheres, desde quando aquella perdida me deixou com a pequenina ainda no berço. Foi então que me puz a beber. Ia esquecendo. Mas agora que a Lucrecia vai ser d'um homem... parece que tudo se accendeu mais uma vez n'este inferno! Queria um repique novo para aquelle dia... e não acho! *(Canta imitando os sinos)* Tirelintintão!... Tirelintintão!... Tirelim!... Tirelim! *(Muito triste)* E depois começo a matutar, a matutar... mas não atino! *(Procurando)* Tirelim!... Tirelim!...

CONEGO

Homem, parece-me que não ficaria mal ahí para remate: — Tirelintintão!

SURSUM-CORDA

Bem sei; mas isso é do outro lá de baixo, de S. Nicolau. Desde que tudo accordou mais uma vez cá dentro, embrulho as idéas,

agarro me á corda dos sinos e, sem querer, ponho-me a dobrar! E eu não queria dobrar depois d'amanhã... Era tão linda a mulher...

CONEGO

E foi ella o rei de espadas com que o Senhor te castigou.

SURSUM-CORDA

E nunca mais fui gente! O sr. Conego, que é doutor, diga lá: póde uma criaturinha do céo ser filha de dois peccadores?

CONEGO

Olha para a Lucrecia e deixa as theologias.

SURSUM-CORDA

E, por mais que parafuse, não acho!... Minha filha!... Se d'ella só me lembrasse... Olhe o rapaz que Nossa Senhora fez tão formosinha! O Cesario ha de vir a ser um santeiro de nome. E é Nossa Senhora e é o retrato da minha filha! E a Lucrecia é a cara da mãe e a Senhora não tem nada d'esta desgraçada!... É exquisito!... Sabe porque eu cá vinha, sr. Conego?

CONEGO

Dirás. Mas tu bebeste mais d'um copo.

SURSUM-CORDA

Paguei um, pagaram-me outro e fiquei a dever mais dois. Talvez que, se eu tivesse casado, a mulher ainda estivesse comigo. Quero que a minha filha vá purinha... purinha... Isso vae! E o sr. Conego ha de hoje

confessar-me o rapaz, para que vá puro também. E as duas alminhas muito brancas vão ser felizes... felizes... e eu contente... contente... *Sursum, corda!*... hei de repicar... repicar... Tirelim!... Tirelim!... *(Aperta a cabeça nas mãos, muito triste)* Não acho!... Não acho!... *(Dá com Romana, que vem entrando)* *Dominus vobiscum!*

SCENA II

Os mesmos e Romana

ROMANA

(Sorrindo) Que temos? Porque apertas nas mãos a cabeça, esbaforido?

CONEGO

Desafinam-lhe nos miolos os sinos da torre.

ROMANA

Continúa o tormento em que hontem me falaste.

SURSUM-CORDA

Sr.^a, na mesma!

ROMANA

Nuvens que se baralham! Anceia a gente um feixe de sol, lobriga alegre um cantinho azul, e logo, como de proposito, mais farrapos afogam toda a luz, empastam-se em camadas. Mas descança; abril ha de chegar-lhe a vez. Só para os cegos é eterna a meia noite.

SURSUM-CORDA

Sei lá!... Aquella ceguinha, que vem sentar-se ali defronte n'um portal, passa quantas horas, de mão estendida, de cabeça baixa, olhando, se aquillo se chama olhar, para a terra, que tão mal lhe quiz. Mas, quando eu toco, levanta a cabeça, põe a mão no ouvido, sem querer já saber de esmolas, e atira para o céu os olhos brancos. O que vê ella?... Sei lá! Mas vê, mas vê, que logo se põe a rir, a rir, a mostrar todos os bu-racos pretos da bocca sem dentes! O que vê ella?... Vão lá saber! Mas quem vê só coisas da terra não ri nunca assim contente... Mas vê,... mas vê!

ROMANA

Uma luz do céu... Tua vez ha de chegar-te.

SURSUM-CORDA

Amen.

CONEGO

E agora vae buscar os noivosinhos. Mesmo ali, no meu quarto, confessarei o teu Cesario. Deus te pagará de teus extremos por elles. *Adjutorium nostrum in nomine Domini.*

SURSUM-CORDA

Se eu achasse!... Se eu achasse!... (*Despedindo-se com um gesto da mão*) *Qui fecit cœlum et terram.*

SCENA III

Conego e Romana

CONEGO

Forte maluco! Novos amores em casa ..
e deu-lhe volta nova ao miolo a mulher que
lhe fugiu!

ROMANA

É maluco.

CONEGO

Amores!... E como te sentes?

ROMANA

Eu?... Muito bem.

CONEGO

Nem o mais pequeno abalo?...

ROMANA

Tudo se apaga um dia, até a propria lem-
brança.

CONEGO

Mas ao menos, uma vez por outra, uma
saudade...

ROMANA

Sim, muito esfumada, embora ainda cari-
ciosa, do que poderia ter sido mas não foi,
do que seria... se fosse.

CONEGO

Apenas?

ROMANA

Nos primeiros tempos. Sem memorias do coração vida feliz tenho levado entre as paredes velhas que me hospedaram...

CONEGO

Mas hoje, ao saberes da morte do unico homem que ainda falou á tua alma...

ROMANA

(*Rindo*) A segunda metade da minha vida encheu de musgos e de heras verdes as ruinas do meu peito.

CONEGO

Certo é que não passavas d'uma creança quando o guarda-marinha partiu para a India. Mas estou-te a vêr, um anno depois, quando recebeste uma carta do ingrato a rogar-te o esquecimento. Coitadinha!... O que choraste!

ROMANA

Todas as lagrimas do meu coração de quinze annos. Esvasiei-o.

CONEGO

E já tudo cinzas onde nem uma fagulha corre! Não lhe terias amor.

ROMANA

Não sei. Era tão nova, quando o conheci, e andava tão contente! A felicidade es-

quece mais depressa que a desventura, porque é mais da natureza dos sonhos. Já não sei. Foi na primavera. Um aneio mysterioso dava-me azas. N'um cançasso adormecia, logo acordava em sobresaltos ! Esperava nem eu sabia o quê, talvez esse a quem havia de amar com toda a fé dos meus poucos annos. E por isso vim a amar.

CONEGO

Esse. Outro poderia ter sido.

ROMANA

Naturalmente. Foi-se de viagem. De longe ainda gostei mais d'elle. Uma carta resignada, uma outra muito fria, outra por fim, essa mesma de que falou, padrinho, deram comigo desde tão alto em tanto desconsolo, que o meu coração já não pode, porque é morto, sentir a morte de quem o matou.

CONEGO

Quiz Deus que, por esse tempo, depois das luctas politicas que me roubaram meu convento, viesse habitar estes quartos pobresinhos, que nos telhados da Sé me foram dados por esmola. Minhas alegrias eram poucas; todas couberam comigo dentro d'estas paredes. Quiz a tua má estrella que eu te fosse buscar, minha Romana. Eras como um painel da Senhora das Angustias; de triste moldura te cerquei. Mas aqui te deu o Senhor a consolação das lagrimas, fonte a correr no ardor das tuas agonias.

ROMANA

Se me lembro!... Era um abafar do coração ! Foram as pedras da Sé que m'o quie-

taram, sem duvida ajudando-o a bem morrer. Nunca mais vivi em pena. Nem sei hoje se a paz vem das coisas para mim, se já vae de mim para as coisas! Entra pelas janelas, como um perfume, cai das abobadas, como do céu o sereno. Por isso vim a esquecer. A minha cabeça encostei-a ao seu hombro, meu padrinho, — não tive má estrella — e toda a pena adormeceu.

CONEGO

Pois, filha, velho como sou, ainda, ás vezes, certo rumorzinho lá de fóra traz-me saudades. Hoje, de manhã, entrou ahí uma abelha, deu tres voltas zunindo pelo quarto e zaz!... abalou como uma setta janella fóra. Pois logo me puz a pensar no que ellas trabalham por essas charnecas, em março no rosmaninho, depois nas urzes, já de verão nas murtas... Ora anda cá, Romana... *(Romana ajoelha-se com muita meiguice aos pés d'elle)* Tão nova, como sujeitaste o espirito á vida n'um carcere? Cantinhos aconchegados são queridos só das mães de familia, dos apaixonados, dos padres velhinhos... E tu, sempre aqui, sem ar, sem flores, sem companheira!

ROMANA

Tenho o ar d'essas torres, que estendem a sombra por cima dos telhados das casarias. Quando vou subindo, julgo ir bater com a cabeça nas nuvens, que pairam no céu, lá muito em cima. Por esses gigantes crescem parietarias, troncos envelhecidos, que ainda florescem como nas primaveras de ha seculos; e essas flores e as dos meus craveiros me bastam. A mim mesma digo o que sinto e me respondo, que alma não ha que não tenha duas vozes. O padrinho nunca fala comigo?